



Única tem proposta para recolocar cortadores de cana

No evento sobre o trabalho nas lavouras foi apresentada alternativa para o desemprego que chegará com a mecanização

CAMILA ANCONA

camila.ancona@jpjournal.com.br

Cursos de educação básica e programas de qualificação são algumas das propostas da Única (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) para capacitar os cortadores de cana que perderão empregos nos próximos dez anos com a mecanização da lavoura. A afirmação de Marco Sawaya Jank, presidente da entidade, foi feita durante o workshop Mercado de Trabalho da Agroindústria Canavieira: Indicadores Sociais e Perspectivas Futuras, realizado ontem na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) sobre o mercado de trabalho na agricultura e na indústria canavieira.

Segundo Jank, a Única e o governo federal devem organizar programas e atividades de qualificação em outras funções para os cortadores de cana. "Já estamos estudando estas possibilidades e, por isso, pesquisas como a apresentada nesse workshop são importantes para se pensar em políticas públicas para estes trabalhadores no futuro", afirmou.

Segundo ele, as análises do Grupo de Extensão em Mercado

de Trabalho (Gemt), que subsidiaram o evento, apresentam uma visão global do ambiente de trabalho, baseadas em estatísticas corretas e completas sobre o setor. O estudo mostra, por exemplo, uma redução de 38% no número de empregados na lavoura canavieira no Brasil entre 1985 e 2006, passando de 861 mil para 532 mil.

Além da empregabilidade, a pesquisa traz questões mais amplas. As mortes de trabalhadores na cultura da cana-de-açúcar são menores que as ocorridas em toda a agricultura do Estado de São Paulo. A professora Márcia Azanha Ferraz Dias de Moraes, do Departamento de Economia, Ad-

ministração e Sociologia da Esalq e coordenadora do Gemt, disse que os estudos feitos pelo grupo durante sete meses desmistificam a idéia de alta mortalidade no setor.

O grupo utilizou dados da Rais (Relação Anual de Informações Sociais), de 2005, que apontam que entre os 220,5 mil trabalhadores formais da cana existentes no Estado, oito morreram de causas ligadas a acidente ou no trajeto para o trabalho, o que representa 0,0036% do total. Na agricultura geral foram 32 mor-



Alessandro Maschio/JP

No evento foi apresentada pesquisa realizada pelo Gemt

DEBATE

O presidente da Única, Marcos Jank (de azul), um dos especialistas convidados para o workshop

tes entre 507,3 mil empregados (0,007%). "Acreditamos que este índice seja igual em Piracicaba e região, mas ainda não temos uma análise completa."

O estudo mostra-se fiel à realidade no Estado de São Paulo, uma vez que o índice de formalização (registro em carteira) dos trabalhadores é de 90%. "Somente 10% dos empregados in-

formais estão fora destes dados", acrescenta Márcia. O mesmo não ocorre no Brasil, já que a formalização da agricultura geral é de apenas 70%. Nas regiões Norte e Nordeste a informalidade é ainda mais alta, já que cerca de 35% dos trabalhadores são regularizados.

Dados da Rais de 2005 mostram que entre os 414,6 mil em-

pregados formais na cana-de-açúcar houve 453 óbitos (0,1%). Em acidentes de trabalho e durante o trajeto foram 17 mortes, ou 0,004%. "Este número é extremamente baixo em relação ao número total", lembra Márcia. Já as mortes em toda a agricultura brasileira são 0,007%, ou seja, foram 135 mortes em 2,1 milhões de empregados.

Diagnostico é completo

Para Márcia Dias de Moraes, este é o momento de mostrar a realidade do trabalhador rural e, especialmente do empregado do setor canavieiro. "Isso porque a cultura da cana está mais ressaltada que as outras por causa da bioenergia", diz a docente. O grupo estudou ainda questões de migração do trabalhador e indicadores de mortalidade e de aposentadoria no setor agrícola. "É comum ouvir que o trabalhador da cana morre mais cedo, mas foi comprovado que isso não é verdade."

O trabalho preparado pelo Gemt apresenta indicadores sobre os trabalhadores da agroindústria canavieira que poderão ser excluídos com a aceleração da mecanização nas áreas de cultivo. "Muitos cortadores de cana, vindos em sua maioria de outras regiões do país, vão perder os empregos. Devemos pensar em novas oportunidades para estes trabalhadores, pois faltam políticas públicas para isto", lembra Márcia. A lei estadual 11.241/02 estipula a eliminação total da queima da palha da cana no Estado nos próximos dez anos.

O estudo mostra uma redução de 38% no número de empregados na lavoura canavieira no Brasil entre 1985 e 2006, passando de 861 mil para 532 mil. No mesmo período a produção de cana passou de 247 milhões de toneladas de cana para 426 milhões de toneladas, crescimento de 72%. "Enquanto cresce a produção da matéria-prima, ocorre queda no número de empregados por causa da mecanização."

De acordo com Claudio Salvadori Dedecca, docente do Instituto de Economia da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), é preciso cautela ao eliminar uma profissão como o cortador de cana-de-açúcar. "Deve existir atenção porque não há identidade da população jovem para o corte da cana, mas é provável que mesmo excluída ainda haja situações residuais que necessitem desta mão-de-obra", diz. Dedecca ressalta que as áreas de declive devem ter continuidade do corte manual. "É fundamental considerar esta situação e tomar cuidado com as generalizações."

